



*Vulcões em conjunto*, 2023,  
óleo sobre linho, 30 x 35 cm.  
Foto de Falcão Junior

## BEATRICE ARRAES: DAR VAZÃO AOS NOSSOS VULCÕES

LUCAS DILACERDA – ABCA/CEARÁ

**RESUMO:** Este ensaio é um desdobramento do texto curatorial da exposição “Passou uma nuvem”, da artista Beatrice Arraes, com a minha curadoria, na Galeria Leonardo Leal, de novembro a dezembro de 2023, em Fortaleza (Ceará). Na exposição, temas como mudanças climáticas, inconsciente, espiritualidade e natureza são discutidos por meio de paisagens poéticas. O texto ensaia o conceito de “sublime onírico” para analisar as equivalências sensíveis, a escala pequena e as imaginações da matéria presentes na pintura de Beatrice Arraes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Beatrice Arraes. Sublime. Pintura. Estética. Imaginação. Matéria.

**ABSTRACT:** This essay is an extension of the curatorial text for the exhibition “Passou uma Nuvem” [Passed a Cloud], by the artist Beatrice Arraes, curated by me, at Galeria Leonardo Leal, from November to December 2023, in Fortaleza (Ceará). In the exhibition, themes such as climate change, the unconscious, spirituality and nature are considered through poetic landscapes. The text explores the concept of “dreamlike sublime” to analyze the sensitive equivalences, the small scale and the imaginations of the matter presented in Beatrice Arraes’ painting.

**KEYWORDS:** Beatriz Arraes. Sublime. Painting. Aesthetics. Imagination. Matter.

Uma rua deserta ao meio-dia. O sol a pino ilumina tudo com um clarão de luz que arde os nossos olhos. Apenas o silêncio, a solidão e um calor que sobe pelo chão seco do asfalto. De repente, uma nuvem vem se aproximando. Ela faz um desenho de sombra que se movimenta a cada passo. O sol desaparece e tudo fica escuro. Chove sem parar. As pessoas somem e os rios que achávamos estarem mortos renascem do subterrâneo. Vulcões brotam do chão e emanam um brilho de uma chama em erupção. É chegada a hora de reaprender a viver de outra maneira.

“Passou uma nuvem” é a primeira exposição individual da artista Beatrice Arraes, que há alguns anos vem desenvolvendo uma pesquisa em pintura sobre o design popular e as transformações históricas da paisagem. Na exposição, a artista amplia a sua pesquisa para outros suportes e linguagens – tais como o desenho e a escrita –, desdobrando a sua investigação para novos temas, como mudanças climáticas, inconsciente, espiritualidade e natureza. Para isso, a exposição apresenta um recorte

de quase trinta obras inéditas, produzidas em 2023, nas quais a artista explora uma variedade de técnicas e materiais, tais como óleo, carvão, linho, madeira etc.

A exposição nasce de um texto escrito pela artista, no qual ela fabula uma cidade equatorial sendo invadida por uma nuvem que bloqueia o sol e, assim, provoca transformações radicais na paisagem, desde o desaparecimento da humanidade até o aparecimento de vulcões e aquíferos que possibilitam que a energia aprisionada e acumulada no subterrâneo possa, enfim, emergir para a superfície.

A narrativa alegórica – repleta de metáforas, simbologias e signos – retrata a paisagem que habita dentro de nós: a chuva que lava a nossa alma e os vulcões que nascem sobre a nossa pele. O nosso corpo é uma paisagem em transformação, na qual as nossas crises climáticas são também crises existenciais. Beatrice Arraes usa a pintura como um estudo sistemático dos diferentes tipos de chuva que habitam a nossa subjetividade e observa por diversos ângulos os vulcões que nascem

para dar vazão às energias guardadas no fundo de nossas existências.

As paisagens naturais (os vulcões, as chuvas, os aquíferos etc.) não são representações dos estados de espírito das paisagens da subjetividade (da raiva, da tristeza, da melancolia etc.); na verdade, são aquilo que o curador e crítico de arte Moacir dos Anjos nomeou de “equivalências sensíveis”<sup>1</sup>. Nesse sentido, um vulcão não representa o sentimento da raiva, pois ele é a equivalência sensível desse afeto e, portanto, equivale ao seu grau de energia e intensidade, no plano das forças, e não no plano das formas.

Rochedos audaciosamente suspensos sobre nós e como que ameaçadores, nuvens carregadas acumulando-se no céu e avançando com relâmpagos e trovões, vulcões em sua violência inteiramente destrutiva, furacões com a devastação que deixam atrás de si, o oceano ilimitado tomado de fúria, a alta cachoeira de um rio poderoso etc. reduzem a nossa capacidade de resistir,



Beatrice Arraes,  
*Chuva no mar*, 2023, óleo  
sobre tela, 30 x 35 cm.  
Foto de Falcão Junior.



Beatrice Arraes, *Vulcão no.4*, 2023, óleo sobre linho, 20 x 30 cm. Foto de Falcão Junior.

comparada ao seu poder, a uma insignificante pequenez<sup>2</sup>.

As obras em pequenos formatos revelam grandes intensidades. Se antes a História da Arte chamava de sublime as obras colossais e infinitas que causavam um impacto na nossa percepção, agora Beatrice Arraes escreve uma nova página dessa história, ao reinventar e criar um novo tipo de sublime: o sublime onírico. As suas obras em pequeno formato nos fazem sentir um sublime onírico, no qual a nossa percepção é enfeitiçada, fazendo-nos sonhar de olhos abertos, borrando assim as fronteiras entre realidade e imaginação. A técnica das zonas cinzas explora uma penumbra onírica que só existe entre a luz do sol e a sombra da nuvem. A nuvem faz desaparecer a localização do sol, tornando o sentido e a direção da fonte de luz natural ocultada, causando a sensação de desorientação geográfica e psíquica.

O sublime onírico de Beatrice Arraes nos causa uma sensação de desorientação espaço-temporal, na qual não sabemos nem onde e nem



Beatrice Arraes, *Aquífero*, 2023, óleo sobre tela, 50 x 55 cm. Foto de Falcão Junior.

quando aconteceram aqueles fenômenos naturais. Em suas obras, não sabemos se é de dia ou de noite, se está amanhecendo ou anoitecendo. Elas acontecem em um tempo etéreo, sem começo nem fim. As imagens, ora primitivas, ora pós-apocalípticas, dançam entre a indefinição do passado e do futuro. Não sabemos se são imagens do que aconteceu ou do que acontecerá.

As imagens são excessivamente familiares. Ao vê-las, parece que elas já habitavam dentro de nós, incrustadas no quintal do nosso inconsciente. A artista faz um giro na psicanálise. Não se trata mais de um “estranho familiar”, mas sim de um familiar que é tão familiar que se torna estranho: um “familiar excessivamente estranho”.

Para reter essa constância do sonho que dá um poema, é preciso ter algo mais que imagens reais diante dos olhos. É preciso seguir essas imagens que nascem em nós mesmos, que vivem em nossos sonhos, essas imagens carregadas de uma matéria onírica

Beatrice  
Arraes,  
*Enxurrada*,  
2023, óleo  
sobre linho,  
30 x 20 cm.  
Foto de Falcão  
Junior.



rica e densa, que é um alimento inesgotável para a imaginação material<sup>3</sup>.

A artista dá expressão às imaginações da matéria. As imagens que vemos são memórias ancestrais de quando éramos uma gota de água no oceano. O carvão é a matéria queimada em pó, mas é também o mineral que em milhões de anos é lapidado e se torna um diamante no vulcão. Beatrice Arraes foi a chuva que me molhou quando eu fui árvore. Suas obras são memórias de um tempo primal daquilo que fomos e daquilo que sempre seremos.

Despovoar para repovoar de outro modo. Por que o deserto? E como atingi-lo? É que o deserto é vazio, é a terra que vem antes ou depois do homem, uma terra esvaziada dos homens que a povoam. O deserto é a terra sem pressuposto, que só pressupõe a si mesma, e nada mais. [...] A imagem se dissipa no momento mesmo em que o deserto se repovoa. Mas como ele se repovoa? Com que entidades? Como as populações virtuais que agitam o deserto



Beatrice  
Arraes,  
*Vulcão no.1*,  
2023, óleo  
sobre linho,  
30 x 20 cm.  
Foto de Falcão  
Junior.

conseguem povoá-lo efetivamente? Estamos num plano em que não há mais homens nem corpos, eles se desagregaram, se desfizeram. Não há mais nem sujeito nem objeto. Não há mais nada senão o deserto de uma pura matéria intensiva, com suas conjunções de fluxos e suas distribuições de singularidades, suas populações moleculares. Eis que os corpos são pensados e produzidos de formas outras. É que no deserto *nós deliramos as moléculas* para formar outros corpos, outros seres, a criança, a mulher, pássaros moleculares. Em que consiste tal delírio? É que os corpos não são mais dados, com sua opacidade e sua sombra. São, por assim dizer, *deduzidos* da luz. Se formam a partir da poeira do deserto<sup>4</sup>.

Despovoar para repovoar. Essa é a fórmula poética dos trabalhos de Beatrice Arraes. Se a artista despova a imagem, não é para produzir uma ausência. O vazio de suas obras são sempre aberturas para serem preenchidas por novas forças germinativas da natureza. Por isso, a

solidão presente nas obras de Beatrice Arraes é sempre uma solidão povoada. A tempestade despova a humanidade. A ruína é o alimento da natureza. A miragem é o que nos move no deserto.

Por isso, a exposição é um convite para levantarmos a cabeça e olharmos o movimento das nuvens. Segui-las, se possível. É um convite para encontrar as nossas nuvens e tomar banho na chuva que elas carregam. Regar o nosso corpo para ver brotar vulcões. Dar vazão a todos os nossos medos, angústias e não ditos. Tornar-se a paisagem que queremos ser.

## NOTAS

1 ANJOS, Moacir. *A arte brasileira e a crise de representação*.

2 O trecho é uma descrição do sublime por KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade de julgar*, p. 262.

3 A descrição das imagens sensíveis que nascem no contato entre o artista e a matéria, e que se manifesta na imaginação material, conceituada por BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, p. 25.

4 LAPOUJADE, David. *Do delírio*, p. 292-3; 299.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Moacir. *A arte brasileira e a crise de representação*. ZUM - revista de fotografia, 2017.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade de julgar*. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2016.

LAPOUJADE, David. *Do delírio*. In: \_\_\_\_\_. *Movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015, p. 291-306.

## LUCAS DILACERDA

Curador e crítico de arte. Graduado em Artes Visuais, pela Universidade Estadual do Ceará; e mestre em Artes, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFC; também é graduado (Licenciatura e Bacharelado) em Filosofia, com ênfase em Estética e Filosofia da Arte, com distinção *Summa Cum Laude*, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); especialista em Arte e Filosofia Clínica, pelo Instituto Packter; e mestre em Filosofia, com ênfase em Estética e Filosofia da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC. Foi professor convidado de Estética e História da Arte do Instituto Dragão do Mar e professor convidado da Pós-Graduação em Arteterapia e Arte-Educação da Unifor.